

editorial

A crença de que outro mundo é possível, sem opressão, sem exploração, sem machismo, sem racismo, sem violência, nos incentiva a continuar lutando... E não é por outra razão que o movimento feminista cada dia mais se envolve e se mobiliza por temas que invadem nossas vidas, invariavelmente sem nossa permissão. É o caso dos acordos das áreas de “livre” comércio, das imposições de organismos internacionais às economias dos países periféricos.

São lutas que se intercalam – contra o machismo e o neoliberalismo – e fazem com que as mulheres se organizem, discutam e proponham alternativas. Apresentamos aos governantes do mundo nossa contrariedade com o avanço do militarismo, das guerras, da exploração, da desregulamentação. E contra também a mercantilização generalizada das vidas e corpos das mulheres.

Por acreditarmos que podemos construir outro mundo, com outros parâmetros, não nos cansamos de marchar, como fizemos no dia 26 de agosto, junto com as trabalhadoras rurais, na Marcha das Margaridas. É por isso que também estamos levando para todos os setores do movimento de mulheres o debate sobre a Organização Mundial do Comércio e a Área de Livre Comércio das Américas. Assim como temos a construção do processo Fórum Social Mundial como uma meta de organização e luta dos movimentos sociais.

E mais concretamente, aqui no Brasil, estamos a todo vapor na campanha pela valorização do Salário Mínimo, porque acreditamos que para mudar a realidade das brasileiras, precisamos, entre outras coisas, mudar o rumo de nosso país.

As Sempre vivas



Fernanda Estima

Organização e luta: a irreverência das mulheres no asfalto de Brasília

Marcha das Margaridas: rurais fazem a maior manifestação popular de 2003

Por Raimunda Celestina de Mascena

Trinta mil trabalhadoras rurais anunciaram na capital do país o desejo de mudanças por um Brasil melhor e mais justo para toda a sociedade

No dia 26 de agosto de 2003, Brasília amanheceu de braços abertos para acolher a Marcha das Margaridas, ação de massa organizada pela Contag (Confederação Nacional de Trabalhadores na Agricultura), FETAGs, STRs, CUT, MMTR/NE, CNS, MIQCB, e diversas entidades parceiras.

Mais de trinta mil mulheres trabalhadoras rurais marcharam saindo dos diversos Estados brasileiros rumo à capital federal. As trinta mil cores e vozes femininas ecoaram desde o Pavilhão de Exposição do Parque da Cidade até a Esplanada dos Ministérios, anunciando o desejo de mudanças por um Brasil melhor e mais justo. Um Brasil de todas e todos, independente de sexo, idade, raça, etnia, orientação sexual e credos.

As cores, vozes, pés e corações femininos percorreram, em Brasília, um trajeto

de seis quilômetros, que durou cerca de três horas e meia, trazendo o sentido da luta das mulheres camponesas para o asfalto da cidade; demonstrando não ter fronteiras a luta por uma ampla reforma agrária, pelo manejo sustentável do meio ambiente, pela valorização permanente do Salário Mínimo, por uma saúde pública e de qualidade e pelo fim da violência.

Organizadas em seis alas temáticas e empunhando milhares de bandeiras, cartazes e faixas, as trabalhadoras rurais deram destaque às suas principais reivindicações: terra, água, Salário Mínimo, saúde e o fim da violência sexista e todas as formas de discriminação e violência no campo. Além de ações estruturadoras, capazes de superar a condição de fome, pobreza e violência, as Margaridas reivindicaram igualdade de direitos e oportunidades entre mulheres e homens.

continuação da capa

Fernanda Estima



Presença da Marcha Mundial das Mulheres no ato das rurais

Faixas com inscrições como *“chega de lona preta para morar, queremos terra para trabalhar”*, *“latifúndio matou Margarida: a Justiça brasileira tarda e falha”*, *“violência contra a mulher é crime”*, demonstraram a objetividade das denúncias e o teor político das reivindicações.

O caso da ex-líder sindical, Margarida Maria Alves, assassinada por latifundiários do Grupo Várzea, em Alagoa Grande, Paraíba, completou vinte anos e foi denunciado como um exemplo de injustiça e conivência do Poder Judiciário brasileiro com os coronéis do latifúndio, que continuam formando suas milícias para perseguir e matar trabalhadoras e trabalhadores que lutam por uma vida mais digna. Casos recentes, como os ocorridos em Marabá, no Estado do Pará, que resultaram na morte de oito lideranças sindicais, também foram denunciados.

A entrega da pauta

Neste mesmo dia, em audiência no Palácio do Planalto, as Margaridas entregaram ao presidente da República em exercício, José Alencar, uma pauta de reivindicação com 140 itens. Nesta au-

diência também estavam presentes o Ministro da Casa Civil, José Dirceu; o Ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência, Luiz Dulci; o Ministro do Desenvolvimento Agrário, Miguel Rosseto, que se comprometeram em iniciar o processo de negociação nas próximas semanas.

Mais do que uma simples entrega de pauta, as trabalhadoras rurais demonstraram, assim, a importância de ser sujeito político nos processos de negociação das políticas públicas voltadas para o desenvolvimento rural sustentável, lançando para o governo brasileiro o desafio de superar a desigualdade entre mulheres e homens e de governar com democracia.

Empenho individual e coletivo

A Marcha das Margaridas vem ocupando um merecido lugar na história brasileira: a maior manifestação de mulheres já ocorrida no país. No momento atual, se consagrou como a maior manifestação popular ocorrida desde que Lula assumiu a Presidência da República.

Essa demonstração de força e organização política só foi possível graças ao

esforço individual e coletivo de milhares de trabalhadoras rurais, que usaram toda sua criatividade, irreverência, ousadia e habilidade política. Sem terra, agricultoras, assalariadas, extrativistas, pescadoras, artesãs, quilombolas, indígenas, todos os segmentos das trabalhadoras rurais estiveram participando ativamente desse momento histórico. Muitas viajaram mais de quarenta horas para chegar à capital federal, usando os mais variados tipos de transportes, como barcos, carroças, bicicletas, ônibus, avião.

O apoio às Margaridas ultrapassam fronteiras intercontinentais

As alianças, parcerias e apoios de entidades como Casa Lilás, Comissão Pastoral da Terra, Esplar, Fase, Fórum Carajás, Loucas de Pedra Lilás, Oxfam, Rede Latino Americana e do Caribe de Mulheres Rurais (Redelac), SOF - Sempre Viva Organização Feminista, Secretaria Executiva da Marcha Mundial das Mulheres no Brasil e tantas outras, foram de fundamental importância para ampliarmos e fortalecermos as relações entre as organizações de trabalhadoras rurais, movimento feminista e entidades que têm compromisso com a construção de um desenvolvimento rural que tem como um dos parâmetros de sustentabilidade a igualdade entre mulheres e homens.

Representantes de organizações de trabalhadoras rurais do México, Uruguai e Paraguai também estiveram presentes. Elas vieram representando as organizações que fazem parte da Redelac. Em 2005, o México sediará o 2º Encontro Latino Americano e do Caribe de Mulheres Rurais. A experiência de organizar marchas de mulheres trabalhadoras rurais certamente será multiplicada em outros países do mundo, à exemplo do que fazemos no Brasil, em adesão à Marcha Mundial das Mulheres.

Coordenadora Nacional de Mulheres Trabalhadoras da Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura).

Tráfico de mulheres: a nova escravidão do século XXI

Por Adital (Agência de Informação Frei Tito para a América Latina)

O tratamento dado às mulheres latino-americanas na Flórida, Estados Unidos, tornou-se um negócio lucrativo diante dos narizes das autoridades estadunidenses, sem que estas consigam penetrar nos grupos de traficantes de seres humanos, que a cada ano 'importam' cerca de 25 mil mulheres destinadas ao mercado da prostituição.

Para a polícia, as redes de prostituição estão mudando sua tática e são cada vez mais difíceis de detectar. Especialistas defendem a necessidade de estudos sobre as particularidades dos diferentes tipos de escravidão sexual a que as estrangeiras são submetidas nos prostíbulos de Palm Beach e Collier e na localidade de Homestead.

Mais da metade dessas mulheres provêm de países sul-americanos e Miami é seu principal objetivo de chegada. As estatísticas do governo norte-americano são bem conhecidas, devido a indagações do Departamento do Estado que dá quantidades de milhões de dólares para os lucros na indústria do sexo.

Mentiras e escravidão

As explicações sobre o fenômeno da prostituição, na qual ingressam as latino-americanas geralmente através de mentiras, inclusive colocadas na Internet ou revistas e jornais aparentemente sérios, são as mesmas com as que os especialistas fundamentaram a avalanche de mulheres do Leste 'socialista' que chegaram na Europa na década passada.

"A crise da Europa Oriental desatou a chegada de mulheres de lá. Agora estão chegando da América Latina", argumentou Max Castro, docente da Universidade de Miami, especialista em temas migratórios.

Nos anos 1990, os prostíbulos da Europa ocidental, Ásia e EUA transbordavam mulheres provenientes do ex-campo socialista atraídas por oferecimentos de empregos dignos. A imprensa internacional descobriu, então, a nature-



Nas ações da Marcha Mundial das Mulheres contra a Alca, o tráfico de mulheres esteve em pauta

za do êxodo provocado, em parte, pelas difíceis condições de vida que imperavam nesses países e pelas promessas de empregos e matrimônio oferecidas pelos traficantes, que em poucos anos conseguiram constituir-se em máfias, cujas bases estão na Itália e na Rússia e agora explodem na pobreza da América Latina.

"No entanto, as mulheres percebem logo que esses trabalhos não existem", explicou Patrícia Bibes, que investigou o tráfico humano na América Latina para a American University, em Washington. "Uma vez que chegam aos Estados Unidos, os traficantes imediatamente as enviam à indústria do sexo e, em muitos casos, lhes retiram os passaportes para limitar o movimento ou para que não possam escapar", revelou Bibes.

Os objetivos principais das redes de prostituição estão localizados, segundo especialistas, na República Dominicana, México e Colômbia, embora peruanas, argentinas, venezuelanas, bolivianas e equatorianas também sejam tentadas a abandonar seus países em troca de melhorias econômicas nos Estados Unidos,

aonde, ao chegar, são vendidas a donos de prostíbulos que as exploram até o limite, para pagar o custo do seu ingresso e estadia ilegal na nação. Descobriu-se que, após um ano de trabalho nos Estados Unidos, as 'escravas' sexuais retornam a seus patrões benefícios equivalentes a 120 mil dólares.

Ação mafiosa

"Definitivamente todas essas mulheres são empurradas a este perigoso estilo de vida pela falta de empregos e de oportunidades nos seus países para ganhar a vida dignamente", manifestou Eduardo Gamarra, diretor do Centro para a América Latina e o Caribe, da Universidade Internacional da Flórida.

A forma de operação desses bandos vai desde a falsificação de documentos de identidade até a mentira com os diplomatas norte-americanos. "Depositam grandes quantidades de dinheiro em contas em nome das vítimas, para facilitar obter o visto na embaixada americana respectiva", revelou uma fonte federal.

Televisão: tudo pode ficar pior

Que a televisão brasileira vem piorando a cada dia, ninguém tem dúvida. Mas está insuportável tolerar a enxurrada de conservadorismo que toma conta de nossas salas quando ligamos a TV: programas de péssimo gosto, exploração do corpo da mulher, jornalismo dirigido, sensacionalismo de quinta categoria e muito mais.

É bem verdade que muita coisa vem acontecendo na sociedade no sentido de tentar reverter esta lamentável situação. Como exemplo, podemos citar a campanha contra a baixaria na televisão, lançada pelo deputado Orlando Fantazini (PT-SP). Mas um programa em especial vem suscitando acalorados debates e indignação constante: a novela *Mulheres Apaixonadas*, da Rede Globo.

Tenha certeza, um único capítulo pode causar grandes estragos. Mulher que apanha calada, mulher que sofre 'por amor', mulher alcoólatra, adúltera, sem caráter, a questão homossexual... O autor, Manoel Carlos, realmente acredita estar fazendo um grande serviço à sociedade, segundo ele, apresentando, por meio do folhetim, temas polêmicos e controversos. Mas na opinião de muitas, os temas propostos são mal apresentados, cheios de falácias e preconceitos. Pior, apresenta os fatos com enfoque para lá de distantes da realidade e a cada capítulo o enredo vai ficando óbvio, monótono e conservador, reafirmando a um número gigantesco de telespectadores/as valores que o feminismo luta para mudar.

o que rola

ABONG realiza seminário e elege Conselho Diretor para 2003-2006

Por Denise Gomide

A Abong realizou, em 3 e 4 de setembro, em São Paulo, a sua Assembléia Geral Ordinária, elegendo o Conselho Diretor para o triênio 2003-2006. A estrutura da diretoria-executiva foi inovada: a partir do dia 4, a Abong conta com uma diretoria colegiada, na qual cada membro possui diferentes atribuições. Diretoria Geral – Jorge Eduardo Saavedra Durão (Fase Nacional/RJ); Diretoria de Desenvolvimento Institucional – Taciana Maria de Vasconcelos Gouveia (SOS Corpo, Recife/PE); Diretoria de Relações Institucionais – José Antonio Moroni (Inesc, Brasília/DF); Diretoria de Relações Internacionais – Sérgio Haddad (Ação Educativa/SP e presidente da Abong na gestão anterior). Nalu Faria, da SOF, ocupa a primeira suplência e Guacira Oliveira, do CFemea, a segunda.

A Assembléia foi precedida pelo seminário internacional *O papel da sociedade civil nas novas pautas políticas*,

cujos temas e debates geraram várias questões entre as cerca de 400 pessoas presentes e deram subsídios para a discussão conjuntural das associadas. O evento contou com palestras e mediações de reconhecidas militâncias, representações acadêmicas e governamental, que analisaram de diferentes formas o papel e os desafios da sociedade civil na nova dinâmica internacional – com destaque para o enfrentamento à Alca e às imposições da cúpula da OMC –, seu lugar nos espaços públicos internacionais, suas relações com o espaço público nacional e, ainda, as ONGs como produtoras de conhecimento e o papel desta produção na transformação social. Como não podia deixar de acontecer, foram destacados as persistentes problemáticas que mulheres e negros enfrentam em seus cotidianos.

Veja no site a composição completa do Conselho Diretor e do Conselho Fiscal da Abong: www.abong.org.br.

folhafeminista

nº 45 agosto de 2003 ISSN 1516-8042

CONSELHO EDITORIAL

Andréa Butto, Francisca Rocicleide da Silva (Roci), Helena Bonumá, Ivete Garcia, Maria Amélia de Almeida Teles (Amelinha), Maria Ednalva Bezerra de Lima, Maria Emília Lisboa Pacheco, Maria de Fátima da Costa, Maria Otilia Bocchini, Martha de la Fuente, Mary Garcia Castro, Matilde Ribeiro, Raimunda Celestino Macena e Tatau Godinho.

A Folha Feminista, ISSN 1516-8042, é um boletim da SOF na luta feminista. Este número tem apoio financeiro da EED.

EQUIPE EDITORIAL

Diretora Responsável: Nalu Faria
Editora: Fernanda Estima (Mtb 25.075)
Projeto Gráfico: Alexandre Bessa
Diagramação: Márcia Helena Ramos
Fotolito: Input
Impressão: RWC Artes Gráficas
Tiragem: 1.500 exemplares
Número avulso: R\$1,50



Assinatura anual (10 números): R\$15,00

Rua Ministro Costa e Silva, 36, Pinheiros
 05417-080 - São Paulo / SP
 Tel/fax: 3819-3876
 Correio Eletrônico: sof@sof.org.br
 Página na internet:
<http://www.sof.org.br>

próximos números

- A OMC PÓS CUNCUN
- DESCRIMINALIZAÇÃO DO ABORTO